

Mulher 24 HORAS

Informativo do Sindicato dos Bancários/ES - Coordenador Geral: Jessé Gomes de Alvarenga - Diretor de Imprensa: Júlio César Passos - Editoras: Sueli de Freitas (MTb 537/92) e Lara Abib (MTb 2669-ES) - Diagramação: Jorge Luiz (MTb 041/96) - n° 92 - Julho/2010 - mulher24horas@bancarios-es.org.br - Tiragem: 9.000



Traduzir-se

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir-se uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida ou morte -
será arte?

Ferreira Gullar

Editorial

Julho é o mês de esquentar as turbinas para a Campanha Salarial. Isonomia de direitos, respeito à jornada de trabalho e conquista de um índice de reajuste que recomponha as perdas salariais são algumas das nossas reivindicações, tão caras, especialmente, para a luta feminista.

A cada ano, quando chegamos nessa época, insistimos na importância das mulheres participarem desse processo. E como haveria de ser diferente?

Somos metade da categoria

bancária. Ocupamos os postos de trabalho nos bancos, e claro, nos ocupamos deles. Passamos grande parte do dia naquele ambiente; e isso de maneira nenhuma é pouco!

Muitas vezes, ao sairmos da agência, levamos ela com a gente. Na cabeça dolorida. No corpo exausto. Na vista cansada.

Edaí os dias passam, e claro, nem tudo é treva! Existem os amigos da agência, a pausa para o café (para falar dos problemas e também fazer piadas), o che-

fe divertido, os clientes complicados, corriqueiros, sem noção. E tudo isso gera histórias que a gente conta em casa. E fica fácil perceber.

O banco, o espaço de trabalho, é grande parte do nosso cotidiano. E se a gente não lutar para melhorar as condições de trabalho, como melhorar a vida, o mundo? Nessa Campanha Salarial, cabe também a nós, mulheres, nos mobilizarmos e, juntas, promover ações coletivas em prol dos nossos direitos. Vamos em frente!



A bancária Renata Gravatá topou o desafio de escrever sobre como é trabalhar quando está no período de TPM

CONFISSÕES DE UMA BANCÁRIA

TPM em um dia de trabalho

Na hora de discutir a pauta dessa edição do M24H, alguém sugeriu: "Que tal fazer uma matéria que conte como é trabalhar com TPM?". Aclamação geral. Todo mundo gostou. Mas como? A solução veio do então estagiário de jornalismo Haroldo Lima (que está agora cuidando da sua monografia). "Ué, coloca uma bancária pra escrever, oras, tipo um diário". Ih, mas será que a gente acha alguém? Achamos! Renata Gravatá, 23 anos, bancária do Banco do Brasil de Campo Grande, topou nos contar essa história.

Era um dia tranquilo. Lá fora, aquela fila de clientes que cresce antes das dez horas na porta da agência nem havia se formado. Sim, lá fora, porque aqui dentro, tem uma coisa assustadora, irritada e temida que atende pelas iniciais de TPM.

De casa para o trabalho, fui pensando que tinha vindo ao mundo com defeito. Mulher deveria "vir de fábrica" com um visor luminoso na testa que acionasse sozinho, dizendo:

"Cuidado, TPM". Seria melhor pra todo mundo: para os pais, maridos, filhos, porteiros, chefes e clientes.

Na agência, a cada "bom dia" simpático que ouvia, meu útero respondia: "Só se for pra você!". Ainda bem que apesar de furioso, a voz dele é inaudível. Funciona em uma frequência que só eu ouço, e bem treinada que sou, consigo, com muito esforço, devolver educadamente a saudação.

Enquanto atendia, rezava desesperadamente para São Cosme e Damião para que viesse algum cliente com um chocolate de presente. Mas nada. Semana passada, que eu estava de dieta, parecia Páscoa, e eu, estúpida, saí distribuindo para todos meus colegas!

Que isso fique de crédito, caso hoje algum deles leve um fora, uma resposta mal-educada, um chute na canela, um puxão de cabelo ou uma mordida. Ainda bem que os mais próximos já conhecem minha TPM e mal falam comigo nesses dias, sabendo do perigo iminente. Me mandam correio pelo sistema, mais seguro!

Opa, chegou um agora. Se for amolação, é menos um computador neste banco. Vai voar mouse no estagiário, teclado no caixa, monitor no assistente e CPU no gerente! Ah, ainda bem que não é nada demais, só um alerta que hoje é o último dia pra responder a GDP.

TPM: momento especial que deve ser respeitado

"O ideal é que os gestores tenham sensibilidade para perceber que estão lidando com um ser humano que tem essa especificidade", diz a médica do trabalho Denise Bourguignon ao comentar os efeitos da Tensão Pré-Menstrual no ambiente de trabalho. A tão falada TPM é um conjunto de sintomas físicos e comportamentais que ocorrem na segunda metade do ciclo

menstrual, de sete a cinco dias antes da menstruação. Segundo a médica, a queda hormonal nesse período provoca a retenção de líquido, provocando uma compressão cerebral que desencadeia os sintomas da TPM.

Os relatos clínicos apontam irritabilidade, mudança de humor, baixa tolerância, aumento de peso, cólicas e problemas intestinais como alguns dos sintomas que atormentam as

mulheres nesse período. Para reduzir os efeitos da TPM, as mulheres devem evitar comidas salgadas, cafeína, chocolate, molho de soja e outras comidas com efeito estimulante; fazer exercício físico e buscar técnicas de relaxamento. No convívio social, a médica orienta que a mulher fale abertamente sobre o que sente para a família e para os colegas de trabalho.

"A luta pela isonomia é diária e em todos os aspectos da vida"

Renata Rodrigues Garcia, 28 anos, é bancária da Caixa Econômica Federal desde 2005. Está no grupo dos funcionários pós-98 que lutam pela isonomia de direitos nos bancos públicos. Nesta entrevista, ela fala sobre a necessária igualdade no trabalho, na vida social e afetiva, sobre concepção de mundo e a enorme disposição para romper barreiras.

Como é para a juventude chegar ao banco e se deparar com essa falta de isonomia?

É um grande desafio. A gente vê no banco o reflexo dos problemas que temos também na sociedade. Nós, jovens, somos filhos da era neoliberal. Entramos no banco como funcionários de segunda classe; não temos os mesmos direitos, apesar de termos as mesmas tarefas. Temos remuneração e benefícios diferentes. Pra nós, é um grande desafio, porque a nossa geração é muito alienada, não tem a concepção do coletivo. Há uma carência em formação política, não somos acostumados a ser os sujeitos do processo. Então, conseguir aglutinar forças, convencer as pessoas a participar é muito difícil. E pra conseguir isonomia teremos que nos posicionar, colocar o bloco na rua.

Você entrou na CEF bem nova, é o seu primeiro emprego. Caiu logo a ficha de como é essa relação capital e trabalho ou demorou um pouco?

A Caixa foi minha maior conquista devido à modesta origem familiar. Meus pais têm ensino fundamental incompleto, meu pai foi trabalhador braçal. Eu sempre estudei em escola pública. Meu primeiro contato com ideias mais avançadas foi no pré-vestibular Universidade Para Todos. Comecei a ter aulas de história, comecei a entender esses

processos históricos. Nos ensinos fundamental e médio, a escola te ensina os fatos como se eles não tivessem relação entre si. Nesse pré-vestibular tive outra formação e passei a ter uma visão mais crítica. Eu me identifiquei muito com as aulas sobre o surgimento do movimento socialista, sobre o Marxismo. Quando eu entrei no banco, já tinha uma certa noção.

Mas, no geral, demora a cair a ficha da juventude?

Demora. É difícil. As pessoas não questionam o que está aí. Muitos não sabem o que é o Sindicato, têm preconceito com base no que é veiculado a todo o momento pela imprensa. E as pessoas não conseguem ir além, não vão aos debates, têm dificuldades. Eu sou delegada sindical e fico tentando desmistificar. Aí as pessoas falam que penso assim porque sou do Sindicato. E digo que não é assim, nós somos o Sindicato.

Sob a ótica feminina, a batalha pela isonomia é histórica. Como você avalia a luta pela igualdade na vida social?

A luta feminina vai continuar sempre na ordem do dia. O machismo, dentro do banco, não é diferente. Os espaços femininos são bem reduzidos, a mulher está mais na área administrativa, o homem nas funções de direção, definição de políticas. A discriminação, as piadas e as brincadeiras, tudo está



muito impregnado de preconceito e discriminação. A isonomia é um direito consagrado na nossa Constituição e as mulheres estão, diariamente, lutando por isso.

Você já sentiu na prática essas diferenças?

Sempre. As mulheres que se aventuram na política, ousam falar sobre assuntos tidos como masculinos, assustam os homens. Eu vejo isso sempre. Na faculdade, como eu sempre gostei de política e estava num curso totalmente voltado para o mercado (Ciências Contábeis), eu era rotulada o tempo todo como "a radical".

E no relacionamento afetivo?

Eu tenho namorado e com ele tento desconstruir algumas coisas que estão enraizadas socialmente. Há questões que considero inadmissíveis, como, por exemplo, dar palpite em roupas. Essa é uma decisão minha, o corpo é meu. Na hora de pagar a conta, por que não dividir? Eu ouço muito da minha família que não sou prendada, sou desajeitada na cozinha. Há toda uma pressão social. A luta pela isonomia é diária e em todos os aspectos da vida.

Elas estão com a bola toda

Em ano de Copa do Mundo, é quase impossível escapar do assunto “futebol”, tido como um esporte predominantemente masculino. Mas muitas mulheres já estão aí para mostrar o contrário.

Enquanto a participação do Brasil no campeonato, que decepcionou o país, era discutida nas lojas, supermercados, padarias e até mesmo nos bancos – pois todo mundo tem um pitaco pra dar, uma crítica a fazer, um jogador favorito e uma seleção arquirrival – um grupo de doze bancárias da Caixa Econômica Federal calçava as chuteiras no Centro Sindical. E elas prometem continuar em quadra por muito tempo.

A equipe de futebol de salão foi montada no início do ano para participar dos Jogos da Fenae – Federação que reúne as Associações de Pessoal da CEF –, que vão acontecer entre os dias 14 e 21 de agosto, em Fortaleza (CE). Os treinos são semanais, todas as sextas-feiras, das 19 às 20 horas.

Creuzeny Effigen, bancária de 50 anos e goleira do time, conta que este foi o seu primeiro contato com o esporte. “Eu nunca havia jogado futebol na minha vida. E adorei. É um esporte realmente divertido. Acho que por



Fábio Vicentini

A turma da CEF montou sua equipe de futebol feminino

isso os homens passam tanto tempo discutindo a respeito dele”, brinca.

Perguntada sobre o que os colegas bancários acham de uma mulher jogando futebol, ela responde que todo mundo dá apoio, que ninguém faz piadinhas ou coisa do tipo. “Mas é muito difícil achar um time feminino para jogar com a gente, futebol ainda parece ser uma coisa de homens.”, ressalta.

Amor pelo futebol

Para a bancária do Bradesco Glória, em Vila Velha, Cheylane Vergna de Souza, 26 anos, o amor pelo futebol vem desde a infância. “Meu

pai me dava muito incentivo, me levada aos campos”, conta. Ela começou a jogar na equipe da sua escola, ainda na adolescência. Quando se casou, veio o incentivo também do marido, que é um assíduo jogador de futebol. Ela então assumiu a função de meia-esquerda no time Estrela, da Ilha das Flores, em Vila Velha, e participou de campeonatos em Cariacica e na Serra.

“Futebol é também um esporte feminino”, avalia a bancária, que há um ano deixou os campos e está grávida de oito meses. “Vem aí uma menina, que se tiver interesse pelo futebol vai receber meu total incentivo”, afirma.



Um misterioso pacote de cartas entregue à escritora Susan Willis é o ponto de partida deste livro que, por meio da reprodução dessas cartas, conta a história de um relacionamento amoroso. Susan se apaixonou pela prosa da Bela Adormecida - pseudônimo utilizado pela autora das cartas, cuja identidade é desconhecida. O

resultado desse arrebatamento é o surpreendente “Cartas a Legba”. Bela registra os acontecimentos de sua vida. A aparente simplicidade de sua fábula encobre a complexidade de sentimentos e subjetividades presentes nas cartas.

A coragem de Bela está em assumir de forma escancarada seus desejos. “Cartas a Legba” cumpre um papel emancipador. Sua beleza está, nas palavras de Maria Elisa Cevasco, que escreve o posfácio do livro, em empreender a “tarefa necessária e impossível de tentar explicar o que se recusa a ser contido por palavras”.

Mulheres antenadas



Envie suas sugestões, poesias e comentários para o

Mulher24Horas pelos e-mails mulher24horas@bancarios-es.org.br e imprensa@bancarios-es.org.br ou pelo telefone (27) 3331-9999

End: rua Wilson Freitas, 93, Centro, Vitória/ES - CEP 29016-340